

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM  
POLO – SÃO FRANCISCO DE PAULA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**Regina Mariza Marins Bosquetti**

**TERRITORIALIDADES NEGRAS – A DESCONSTRUÇÃO DO EU, O  
OUTRO E O NÓS: UMA SÍNTESE REFLEXIVA DA SUA TRAJETÓRIA  
ESCRAVIZADA**

**Santa Maria, RS  
2020**

**Regina Mariza Marins Bosquetti**

**TERRITORIALIDADES NEGRAS – A DESCONSTRUÇÃO DO EU, O OUTRO E O  
NÓS: UMA SÍNTESE REFLEXIVA DA SUA TRAJETÓRIA ESCRAVIZADA**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Ciências da Religião da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Aberta do Brasil (UAB), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências da Religião.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

---

Amarildo Luiz Trevisan, Dr. (UFSM)

---

Lorena Peterini Marquezan, Dr<sup>a</sup> (UFSM)

---

Sandra Réquia Souza, Me. (UFSM)

Santa Maria,RS  
2020

CARIMBO DA BIBLIOTECA

## RESUMO

### **TERRITORIALIDADES NEGRAS – A DESCONSTRUÇÃO DO EU, O OUTRO E O NÓS: UMA SÍNTESE REFLEXIVA DA SUA TRAJETÓRIA ESCRAVIZADA**

Regina Mariza Martins Bosquetti<sup>1</sup>, Amarildo Luiz Trevisan<sup>2</sup>

O objetivo desse artigo é descortinar as Territorialidades Negras: o eu, o outro e o nós, numa síntese reflexiva da sua trajetória escravizada da África ao Rio Grande do Sul até São Francisco de Paula, assim como a sua escrevivência, a (in)visibilidade, o preconceito estrutural e recreativo velado em expressões e termos pejorativos que talvez nos passam despercebido, mas é representativo veladamente para muitas pessoas. Através da pesquisa bibliográfica foi possível fazer recortes na obra da Pedagogia Griô: A reinvenção da Roda Vida de Lillian Pacheco sobre a cultura oral negra embasada tradição africana. Esse recurso norteou o embasamento teórico, os registros da cultura negra e (res)significar suas vivências, sua identidade, suas memórias e ações desenvolvidas em todos os espaços, entre outros, teve a intenção de compreender e reconhecer as relações que constituem a forma de ser e agir da investigação e do diálogo humanístico.

**Palavras Chave:** Descortinar. Escrevivência. (In)visibilidade. Preconceito. Pesquisa. (res)significar. Investigação. Diálogo.

---

<sup>1</sup> Licencianda Licenciatura Ciências da Religião. Especialista em Ensino de Sociologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS.

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS/Brasil e pesquisador PQ-1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/Brasil. Pós-Doutor em Humanidades - Universidade Carlos III, de Madri-Espanha

## INTRODUÇÃO

“A nossa Escrivivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos”. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2016, p.21)

A história se faz história da decorrência de fatos registrados verbalmente ou na oralidade. Contudo, a história da cultura negra no Brasil, é identificada e (re)conhecida na aculturação brasileira e principalmente na oralidade dos afrodescendentes que a vivenciam, conforme Pacheco (2006, p. 11), “a pedagogia costurada com os fios de palavras vividas, como se fosse uma colcha de retalhos bonita e inacabada”. Além disso, Marcos Antônio Alexandre no Suplemento Pernambuco-2016 aponta sobre a obra de Evaristo que “É voltada para a das identidades e enunciações negras e os afrodescendentes são o centro de repensar os lugares de representação aos quais os sujeitos negros são e estão em nossas sociedades”.

Portanto, a pesquisa bibliográfica está voltada a uma proposta de resgate e aprendizagem humanizadora e interdisciplinar, abrangendo todas as áreas do conhecimento trabalhadas para levar o aluno a pesquisar, participar, interagir, questionar, sugerir, argumentar, buscar, compreender e reconhecer que “não somos descendentes de escravos, somos descendentes de seres humanos que foram escravizados” (Marcos Antônio Alexandre no Suplemento Pernambuco-2016), nesse sentido essa abordagem apresenta uma síntese da história africana e afro-brasileira, bem como um resgate da identidade negra em São Francisco de Paula, as relações étnico-raciais etnocêntricas/preconceituosas e a oralidade da pedagogia Griô.

## DESENVOLVIMENTO

Conforme o Livro, *Escrivivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* de Conceição Evaristo (2016) que é voltada para a ressignificação das identidades e enunciações negras, Marcos Antônio Alexandre no Suplemento Pernambuco-2016 afirma a partir da obra da autora que “Os afrodescendentes são o centro de sua letra contestatória, palavras reminiscências de memórias que nos permitem repensar os lugares de representação aos quais os sujeitos negros são e estão relegados em nossas sociedades”.

Logo, resgatar referências históricas a partir da oralidade e registrá-las, tornando-as palpáveis, de acordo com sua obra literária e conforme esse artigo “é voltada para a ressignificação das identidades e enunciações negras” (Marcos Antônio Alexandre -2016) da comunidade (in) visível, ou seja, defende através da pesquisa, o registro da [sobre a] nossa oralidade e brasilidade de São Francisco de Paula. Sobre tudo, no atual cenário, no qual estamos vivenciando um afastamento social epidêmico mundial, se faz necessário à mediação para os alunos sobre a relação do Ensino Religioso e as temáticas das Territorialidades Negras valorizando a nossa cultura, oportunizando a comunidade escolar a pesquisa bibliográfica e do entorno no município, o pertencimento e a presença negra em São Francisco de Paula observando os entrelaçamentos da antropologia, história, filosofia, sociologia com a educação e problematizando as sobreposições territoriais existentes na formação do nosso Estado.

Ainda, segundo Marcos Antônio Alexandre, sobre a obra da autora Conceição Evaristo, escreve que:

Os dizeres de Evaristo, ao utilizar o conceito de “escrevivência”, ampliam e ressignificam a discussão aqui empreendida relacionada à questão da escritura negra, mais especificamente, no campo relacionado à escrita feminina. O “movimento de sua escrita” revela diversas temáticas que se relacionam às identidades negras. Suas palavras se inscrevem num espaço de reflexão que é reverberado por uma linguagem performática em que a autora escreve e se inscreve a partir de uma memória corporal que redefine o seu lugar enunciação em nossa contemporaneidade. (SUPLEMENTOPERNAMBUCO-2016).

A literatura negra existe e necessita sair da invisibilidade para o resgate da liberdade das e (nas) suas memórias, suas vivências que perpassam limites físicos e inimagináveis para muitas culturas e vai além do espaço feminino, mas de todo o povo africano e afrodescendente. A reflexão de Evaristo traz consigo o fenômeno da experiência sentida na pele e na alma, enaltecida pela simplicidade da alma que transborda os seus registros poéticos da sua identidade.

Como esse trabalho parte da pesquisa bibliográfica sobre a identidade negra em São Francisco de Paula para chegar à análise pretendida, foi necessário retomar algumas informações. Além disso, também pontuar algumas questões sobre a história africana no Brasil, no Rio Grande Do Sul e particularmente em São Francisco de Paula.

Nesse excerto sobre São Francisco de Paula, Iva da Silva, constrói em poucas linhas, uma trajetória das memórias do povo serrano, sendo que, ela também, faz parte dessa história:

Quando os açorianos com suas famílias, começaram a subir a serra em 1770, mais ou menos), passaram a ocupar reservas do governo localizadas nos campos, nos bosques e em pequenos campestres, que existiam ao longo do rio Tainhas, do Rio São Marcos e do Rio das Antas. Para São Francisco de Paula, além de lagunenses, paulistas, açorianos, gente de Tramandaí e de Santo Antônio da Patrulha, vieram

também os negros como escravos. Os açorianos a princípio não tiveram escravos. Posteriormente, sim. A prova está que nos matos da região foi encontrado um Quilombo: o quilombo dos pretos da “Mulada”. Tinha também uma aldeia de índios na mesma região. No arquivo histórico do Rio Grande do Sul encontram – se documentos da igreja de São Francisco de Paula, que mostram o nascimento dos pretos libertos e dos escravos; também os casamentos livres e dos escravos, relativos ao ano de 1848. Neste ano nasceram em São Chico, 103 crianças pretas. Os fazendeiros Manoel Pacheco e seu irmão José Pacheco tinham 24 escravos. Adolfo Pacheco (filho de Manoel) tinha 14 escravos. Nos atos de legitimação de 58 fazendeiros, em dois constava que tinham propriedades com seus escravos. Todos eles tinham a senzala, onde os escravos moravam e a relação dos trabalhos que os mesmos faziam. Portanto, a presença de escravos, nos Campos de Cima da serra, foi significativa. No Anuário Estatístico do Rio Grande do sul de 1888, aparece São Francisco de Paula com 225 escravos. (SILVA, 2017, p. 25).

A partir do povoamento do município no século XVIII no qual foram trazidos os escravizados e apesar de ter a economia baseada na agropecuária que sofre pela ação do clima frio, mas ser um território de grande extensão, era considerável a quantidade de pessoas no trabalho escravo. E ainda nos dias de hoje, se encontra sinais desse tempo injusto nas construções daquela época em algumas fazendas nos campos de cima da serra. Contudo, na oralidade do povo serrano ainda se ouve falar que a cidade fora construída em lugar onde era um quilombo, sendo os portugueses ditos fracos para o trabalho de construção, resolveram formar a comunidade onde o lugar já estava com a paisagem transformada para a fixação das casas.

Elza Dutra em sua obra “A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica” afirma que;

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. A consonância com tal modo de pensar, a experiência e a narrativa como a sua expressão levam-nos a eger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas ideias fenomenológicas e existenciais. Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. (DUTRA. *Estudos de Psicologia* 2002, 7(2), 371-378)

Assim, a presença negra no Brasil apresenta a literatura do povo africano que foi escravizado e retirado de sua terra natal, sendo obrigado a deixar para trás sua identidade, cultura, língua, reinos, sua liberdade, religião, guardando na memória as lembranças da sua história e cultivando através da oralidade sua descendência. Portanto, esses são alguns aspectos que foram possíveis resgatar nesta fundamentação teórica baseada numa pesquisa significativa na oralidade familiar da comunidade escolar.

Fonseca afirma sobre o quanto se perdeu da cultura africana a partir do escravismo, do aniquilamento arquitetônico e de documentos através das pilhagens e das barbáries praticadas,

O continente africano além ser o berço da humanidade é, também, o das civilizações. A pedra Rosetta que é uma inscrição com hieróglifos e outras línguas conhecidas ao ser decifrado, em 1787, comprovou-se que quase todo conhecimento científico, religioso e filosófico da Grécia Antiga teve origem no Egito (África). Elisa Nascimento informa que Sócrates, Platão Tales de Mileto, Anaxágoras e Aristóteles estudaram com sábios africanos. O saque empreendido no continente africano e a destruição da biblioteca de Alexandria encobrem um processo de apagamento e de descrédito dos conhecimentos africanos tornando-os exóticos, místicos e míticos.

(FONSECA, 2009. p. 06-07).

Entretanto, mesmo com devastação cultural através dos indícios e oralidade, a historicidade africana continua a sua reconstrução, visibilidade e a aquisição dos seus direitos humanos que lhes foram negados e retirados a partir da sua captura, vendidos como objetos e tratamento desumano por décadas pelo homem de uma sociedade sem memória humanística o que repercute até os dias atuais.

Portanto, é necessário atentarmos que a trajetória negra da África até a sua libertação sequer fora pensada em igualdade para todos, mas por mecanismos capitalistas e de consumo que através das suas ações desenvolveram maneiras de continuar sendo beneficiado pela exploração dos libertos.

Porém, Silva Filho nos faz refletir sobre a nossa brasilidade africana,

Os africanos e seus descendentes foram agentes históricos que ajudaram a construir o Brasil, não só com a força de seus braços, mas principalmente, com sua inteligência, sensibilidade e capacidade de luta e articulação. Os africanos deixaram fortes influências na religião, na história, nas tradições, no modo de ver o mundo e de agir perante ele, nas formas das artes, nas técnicas de trabalho, fabricação de objetos, nos modos de falar, de vestir, na medicina caseira e em muitos outros aspectos socioculturais da nossa sociedade” (SILVA FILHO, 2009. p. 6)

Logo, temos uma formação histórica representativa da diáspora africana estampada na nossa cultura e no fenômeno afrodescendente que faz parte da nossa vivência, embora existindo certa negação pela diversidade de entendimento gerando o preconceito racista. De acordo com Darcy Ribeiro,

A empresa escravista, fundada a apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atroz, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses. (RIBEIRO, 1995, p.118)

No processo desculturante o ser humano inicia a perda de sua identidade movida por pressões físicas e emocionais, onde a intenção de quem o faz é de dissolver sua dignidade e



etnicidade para transformá-lo em algo coisificado e descartável quando estiver sem serventia. Na contemporaneidade, esse processo ocorre na forma do racismo estrutural que contém várias estruturas de preconceitos, por exemplo: é uma preta linda, mas não se fala branca linda e do racismo recreativo quando tudo é normal, como piada para negro, exemplo: quantas bananas você quer para deixar essa história pra lá? (o apresentador televisivo Danilo Gentili praticou esse racismo). E também, diversos fatores como a menor oferta de trabalho para a comunidade negra, baixo salário e oportunidades de crescimento profissional, piadas, expressões aparentemente inocentes e naturais.

Também podemos refletir sobre essa reportagem da festa de aniversário que a diretora da Vogue Brasil, Donata Meirelles realizou e foi duramente criticada na internet pela apropriação cultural, racismo estrutural, racismo recreativo e o fetichismo pelo período escravocrata porque aparece numa foto sentada em uma cadeira de religião e com duas mulheres negras vestidas de mucamas. Conforme Mateus Santana em seu artigo de 11 de fevereiro de 2019:

A estrutura racista do país, o que se dá pelo racismo estrutural trata tudo isso como algo comum, algo normal e não se enxerga a problemática presente nesses atos. Há ainda uma dificuldade ou omissão em enxergar o racismo no país, caracterizando o “mito da democracia racial”, onde mesmo com estatísticas, sobre violência, desigualdade e falta de oportunidades, com demonstrações explícitas de que o negro ainda é tratado de maneira inferior em toda e qualquer relação social, a sociedade brasileira em parcelas substanciais ainda nega a existência dele. No racismo recreativo as pessoas acreditam que é aceitável romantizar, e transformar tudo que para um povo foi e é totalmente doloroso, em fantasias; decorações de festas e que trazem a “nostalgia e o fetiche” de um período que a estrutura racista diz não ter acontecido e que onde, ainda hoje o negro continua apenas no papel de servidão. (SANTANA. Mateus, 11/02/2019)

Entretanto, o preconceito racial se torna invisível diante da naturalidade que a sociedade trata essas ações discriminatórias como se fosse algo bom de lembrar, ignorando a trajetória escravizada e a perda da identidade familiar, a dignidade e o sofrimento de um povo que sofre pelas injustiças praticadas contra eles e pela desigualdade no pertencimento da sua territorialidade.

Kabengele Munanga esclarece em sua obra: discutindo a mestiçagem no Brasil identidade nacional versus identidade negra sobre a hibridade do termo mulato e mestiço;

O *mulato* designa o indivíduo nascido da relação entre um branco e uma negra, ou de um negro e uma branca. As conclusões tiradas das sondagens nos dicionários e enciclopédias do século XVIII ilustram as dificuldades de encontrar-se um termo geral capaz de recobrir a diversidade dos casos de hibridade, sendo o termo *mestiço* reservado somente à mistura espanhol!índio e *mulato* à mistura branco/negro. Daí a utilização das expressões "sangue misturado" e "homem de cor" para preencher aquela lacuna. É importante sublinhar os preconceitos raciais associados a essa diversidade de definições. Com efeito, o caráter híbrido e a

ambigüidade do mestiço são ressentidos como incômodos. O termo "mulato", do espanhol mulo, tem nitidamente uma conotação mais pejorativa do que o termo "mestiço", pois no século XVIII os índios tiveram uma certa revalorização através do mito do bom selvagem de J.J. Rousseau e da aceitação das civilizações incas e maias. A etimologia é um pretexto cômodo para insistir sobre o aspecto animal do fenômeno. Mais tarde, nota-se uma certa evolução da enciclopédia e seus suplementos, caracterizada pela passagem de uma concepção negativa (a hibridade animal, conseqüência da imoralidade de alguns brancos) a uma concepção positiva (sendo o mestiço considerado como um indivíduo fisicamente mais vigoroso). É provável, segundo alguns autores, que essa versão positiva se deva a motivos econômicos e políticos: o mulato livre era um consumidor, além de ajudar na repressão e na captura dos escravos fugitivos. (MUNANGA. 2006, p.20)

Apesar das definições e conceitos da etimologia de cada palavra, se faz necessário um olhar aprofundado para a intenção que será usada, principalmente aos africanos e aos afrodescendentes que foram e são desvalorizados por termos e expressões usados para dirimir sua integridade e identidade, tais como:

- **A coisa tá preta:** *a fala racista se reflete na associação entre “preto” e uma situação desconfortável, difícil,*
- **A dar com pau:** *muitos negros capturados se negavam a comer, então criaram um pau de comer para jogar angu ou sopa pela boca,*
- **Criado mudo:** *os escravizados ficavam no lugar do móvel segurando as coisas para os “senhores” sem fazer barulho,*
- **Denegrir:** *sinônimo de difamar possui na raiz o significado de tornar algo negro,*
- **Doméstica:** *os negros eram tratados como animais e precisavam de corretivos para ser domesticados,*
- **Inveja branca:** *dá ideia do branco como algo positivo e é impregnada na expressão que reforça, ao mesmo tempo, a associação entre preto e comportamentos negativos,*
- **Lista negra:** *representa algo pejorativo, prejudicial, ilegal,*
- **Moreno:** *falar moreno, morena, mulata para embranquecer é racismo,*
- **Mulata:** *na língua espanhola significa o cruzamento de um cavalo com uma jumenta e se torna mais pejorativo quando se diz “mulata tipo exportação” porque reitera o corpo como mercadoria,*
- **Ter um pé na cozinha:** *o único lugar para ficarem as mulheres era a cozinha da casa grande.*

Portanto, a invisibilidade do afrodescendente se materializa a cada instante no emissor por gestos ou verbalizada por um preconceito irracional que em algumas vezes se transforma em violência física racista.

O Rio Grande do Sul foi um estado que tinha muitos escravizados para trabalhar nas charqueadas, agropecuária e na frente da os farrapos. Sendo o Brasil um dos países que recebia os escravizados, entre os séculos XVI e XIX, assim como diversos estados brasileiros obtinham o trabalho dos negros mesmo após a sua libertação em 1884. Porto Alegre e Santana do Livramento, assim como todos os estados brasileiros têm uma rica oralidade das territorialidades negras, já que muitos documentos foram queimados a fim de minimizar essa tortura escravagista. Esse autor nos fala sobre o Rio Grande:

Entre 1750 e 1763 existiram no Rio Grande 139 senhores de escravos, sendo esta elite local composta principalmente por militares, a maioria dos quais foram os primeiros povoadores que receberam terras da Coroa Portuguesa e que participaram da exploração do gado que existia neste período. A mentalidade senhoril dominante na sociedade colonial brasileira determinou a formação de plantéis de escravos nas estâncias do Rio Grande que estavam destinados principalmente às atividades domésticas e ao setor de subsistência da propriedade, como a horta, pomar, lavoura e indústria doméstica de queijos, linguiças, charque, quando não tanto pela necessidade do serviço, pelo zelo da ostentação e do luxo. Escravos também aparecem em episódios da dominação espanhola, como por exemplo, a Vila do Rio Grande (1763 -1776), em que as atividades de guerrilhas movidas contra tropas castelhanas utilizaram escravos negros em incursões militares, precedendo a utilização dos lanceiros negros na revolução farroupilha. (TORRES, 2008, p.55)

Podemos perceber que além de serem escravizados, os senhores estancieiros para demonstrar poder aquisitivo e soberania sobre os negros, os utilizavam de forma exorbitante a quantidade que tinha de uso da mão de obra para mostrar sua posição social. Entretanto, os negros quando se organizam para se refugiar nos quilombos, utilizavam os cavalos que eram usados na lida campeira ou se a fronteira para outro país o gerava dificuldades aos estancieiros a gerir essas ações.

O Rio Grande do Sul foi um dos estados que mais negociou os escravizados para outros estados no plantio de café, pois eles detinham o poder aquisitivo econômico. Ainda com as Leis, Euzébio de Queiroz, de 1850, conhecida como Lei de Terras que acabou com o tráfico escravagista, a do ventre Livre em 1871, que constituía na liberdade para os filhos de escravos, os negros continuaram a sofrer o mesmo processo da sua captura. Ou seja, as leis eram subordinadas a armadilhas que os prendiam a pagamentos e trabalhos mal remunerados a favor sempre de quem as executavam, o que mascaradamente ainda funciona na atualidade em vários segmentos mundialmente.

A literatura da obra de Lillian Pacheco, Pedagogia da Roda da Vida, nos proporciona uma prática pedagógica trazida pelos escravizados africanos para um cenário rico de aprendizagens dialógica, estruturado nas vivências e escrevivências da cultura africana. A autora pontua:

A Organização Não Governamental Grãos de Luz e Griô, localizada na cidade de Lençóis, Chapada Diamantina na Bahia, foca seus esforços na realização de oficinas que norteiam a construção da identidade e ancestralidade brasileira, com raízes indígenas e africanas. Baseadas na valorização, disseminação e inclusão dos saberes e fazeres de tradição oral, com a participação dos mestres e griôs locais, suas práticas vivenciais cultuam as tradições e a memória viva como elemento essencial na concepção do ser humano. Através da afetividade e da criação de vínculos com o outro e consigo mesmo, se fortalece a identidade e vislumbra-se melhorias na qualidade de vida, rompendo com o processo de transformação dos objetivos da vida pautados apenas no trabalho e no consumo. (PACHECO, 2006, p. 2)

Logo, aprender brincando, as rodas cantadas, a visitação do entorno, as histórias de vida, a diáspora africana, a afrodescendência, a arte, contribui e fortalece a “ensinagem dialógica” como diz Paulo Freire, transformando e construindo novos saberes a partir do seu conhecimento numa relação de sabedoria, de ouvinte e de abertura para a convivência sem preconceitos.

O livro convida todos os participantes dos Pontos de Cultura do Brasil, as ONGs, as secretarias de educação, as escolas e universidades públicas a superar a folclorização das manifestações de raízes étnicas afro-indígenas; as relações étnico-raciais negativas; a concepção dos griôs e mestres de tradição oral como analfabetos; a falta de reconhecimento do lugar político, social, educativo e econômico dos griôs e mestres; a dissociação entre a educação de tradição oral das comunidades e os sistemas municipais de ensino. (PACHECO, 2006, p.16)

Através dessa obra é possível conhecer a cultura oral dos mestres griôs, seus ensinamentos gerenciados pelas memórias da cultura africana com práticas interdisciplinares que desenvolvem no aluno a sua aprendizagem baseada em experiências, vivências e significativas dessa tradição da matriz africana.

Segundo Lillian, p. 3, o griô aprendiz faz a caminhada mediando à chegada dos mestres e dos griôs, “Num ambiente alegre e interativo”, interagindo com os alunos onde “os saberes de tradição oral são transmitidos naturalmente, através de músicas, danças, histórias e mitos, transformando o espaço escolar num ambiente integrado e festivo”, possibilitando aos mestres e griôs a multiplicação da afetividade “onde as pessoas se enxergam e criam vínculos umas com as outras”. É o encontro de si mesmo com o outro com suas raízes e sua identidade cultural.

## CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento e a construção do conhecimento através da pesquisa, esse trabalho teve o objetivo desde sua abordagem, a iniciação do pertencimento negro, sua trajetória, e reconhecimento na identidade serrana, as memórias, de analisar a fenomenologia da trajetória negra e

as experiências vividas até hoje, sintetizando a trajetória e sua (in)visibilidade social da África ao Rio Grande do Sul e São Francisco de Paula. Também, através do ressignificar conceitos culturais, a origem afrodescendente e resgatar a oralidade dos relatos das memórias da comunidade conhecendo a Pedagogia Griô ou Griot e seu contexto histórico na Identidade Negra. Por isso, mediar aos alunos à relação do Ensino Religioso e as temáticas das Territorialidades Negras valorizando a nossa cultura da brasilidade oportunizando a comunidade escolar a pesquisa do entorno no município torna-se a mais um vínculo de afetividade na comunidade escolar e serrana.

Através dessa proposta esperamos possíveis transformações significativamente visíveis no pensar, ser e agir na escrevivência de cada aluno nas aulas de Ensino Religioso que vem ao encontro da Base Nacional Comum Curricular sob o texto de desenvolver as competências e habilidades nos educandos. Também, despertar e desenvolver a afetividade e a relação socioemocional que carece de manutenção afetiva nas ações dos educadores/educandos/comunidade escolar para ressignificar o convívio das diversas identidades e territorialidades que temos numa sala de aula. Além disso, as rodas de conversas, os relatos, as trocas de saberes no decorrer das aulas oportunizarão novas construções e descobertas sobre si mesmo que somente será possível com o fazer de buscar a (in)visibilidade de todos nós e a externalização da experiência concretizada através da pesquisa, da oralidade e das memórias da nossa identidade negra numa educação dialógica.

O negro escravizado chegou de diversos lugares da África, entre eles o Congo, a Luanda, Angola, países com culturas e crenças diferenciadas por cada tribo, mas a maioria yorubá. Nessa trajetória foram lançados – aqueles que sobreviveram à travessia do mar nos navios negreiros -, em outros países de culturas e crenças diferentes para sofrerem os maus tratos e tratamento desumano. Durante décadas foram escravizados e quando foram libertados por uma lei que trouxe muito benefícios ao homem branco, restou-lhes a dignidade por serem um povo forte, com sua crença e a esperança que preservou a sua identidade e territorialidade oral e simbólica.

Embora a África tenha ficado negligenciada em partes da sua historicidade, os elementos constitutivos da temática oral, busca resgatar sua transição escravatária através de relatos, memórias ancestrais e pesquisas bibliográficas para conhecer um pouco dessa passagem que traz consigo muita dor e sofrimento, entretanto, traz também um aprendizado de uma cultura letrada onde somos aprendizes.

## REFERÊNCIAS

CASTRO Vivian Maitê. **Ação griô nacional: a tradição oral na educação formal** - Estudante de Turismo- UFPB vivianmaite@gmail.com – Ministério da Cultura. ONG. Grãos de Luz e Griô.

De Medeiros Silva, Taís. **Trajetórias de desterritorializações e reterritorializações** – Estudo de caso: Comunidade Quilombola da Família Fidélis – Porto alegre/RS/Taís de Medeiros Silva.—2015 186 f.

EVARISTO. Conceição. **Cadernos Negros** – Disponível em: <https://www.saraiwa.com.br/cadernos-negros-2007245>.

FONSECA, Dagoberto José & SILVA BENTO, Maria Aparecida. **África Desconstruindo Mitos**. In: A África e o Brasil Afro-Brasileiro: História, Cultura, Ciência e Arte, p.14-15. São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo. 1967. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio, Paz e Terra. 1969.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Kabengele Munanga. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PACHECO, Lillian. Pedagogia Griô; A reivenção da Roda Vida. **Sistematização de vivências, invenções e pesquisas compartilhadas do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô**.1ª ed., Lençóis, Bahia – 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras - 1995 São Paulo - Segunda edição.

SILVA, Iva da. **Páginas da História: São Francisco de Paula**.Porto Alegre: Martins Livreiro – Editora, 2ª/ed., 2017.

SILVA FILHO, José Barbosa da Silva. **Apontamentos sobre a História do Negro no Brasil**. Cuiabá, EDUFMT, 2009.

SITE- [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br) - **Apropriação cultural, racismo estrutural, racismo recreativo e o fetichismo pelo período escravocrata**. Acessado em: 18/02/2021.

SITE - [www.es.gov.br](http://www.es.gov.br) > Notícia > **Novembro Negro: conheça algumas expressões racistas e seus significados**. Acessado em: 18/02/2021.

SITE - Disponível em: <http://www.seer.furg.br/biblos/article/viewFile/859/339>. Acessado em: 20/06/2014.

SITE - Disponível em: [www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/](http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/). Acessado em: 18/02/2021.

TORRES, L.H. **A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra**. Biblos – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 22, n. 1, FURG, Rio Grande, 2008.

<https://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/1732-a-escrita-e-a-mem%C3%B3ria-em-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo.html>